



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 7

ELCI DA PAZ
SCHEFFER E ZECA
SCHEFFER

dezembro, 2017

Laércio Meirelles



Elci da Paz Scheffer e Zeca Scheffer



dezembro, 2017

O jardim da Elci é um primor. Centenas de cactos e outras espécies suculentas. Cores e flores das mais variadas. Tudo pintado pelo seu sorriso que, desde que a conheço, há 26 anos, parece estar sempre à espreita, pronto para brotar ao menor estímulo.

Elci e Zeca Scheffer moram na linda comunidade rural do Rio do Terra, município de Três Cachoeiras, Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Naturais da mesma comunidade, casaram-se em 1980. Ela com apenas 17 anos.

— *Ele me pegou garotinha...* — fala e ri, enquanto seu olhar caminha na direção do marido.

A sala fresca, emoldurada pelas flores, é o lugar perfeito para conversarmos nessa tarde de verão, em dezembro de 2017.

Antes de começar a ouvir da Elci sobre sua trajetória na Agricultura Ecológica, toco em outro assunto que sei também mover e comover seu coração.

— Elci, e o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), a militância neste Movimento foi importante na tua vida?

Ela sorri leve e levanta os olhos antes de começar a responder.

— *Importante? Tudo que sou devo à minha*

militância dentro do MMC e à Agricultura Ecológica. Para algumas de nós, que fomos parte da direção estadual, o MMC nos deu o que temos. O que somos ou sabemos é fruto das oportunidades que tivemos nessa militância. Muito trabalho, dificuldades, incertezas, medos, mas valeu muito a pena. Conheci muita gente, muitos lugares, vi diferentes realidades de todo o país, senti na pele a dor dos outros. Sinto que me tornei uma pessoa melhor, mais sensível. Tenho uma enorme gratidão a tudo que vivi no MMC.

Elci, na condição de membro da direção estadual (RS), a partir do fim dos anos 1990, precisou viajar muito para mobilizar mulheres em atividades junto às bases no Rio Grande do Sul e em outros estados. Eram momentos de formação ou de representação do próprio MMC em negociações em Brasília, com os chamados tomadores de decisão.

— *Engraçado que sempre fui muito caseira. Hoje me pergunto como pude viajar tanto, às vezes uma semana inteira, quinze dias, mesmo não gostando de viajar. Havia uma força, algo que me impelia a fazer o que julgava deveria ser feito.*

Os olhos seguem brilhando e ela segue falando do seu tempo de militância no MMC.

— *Às vezes cansava, o MMC nunca proporcionou conforto. Nunca teve um hotel ou um táxi, sabe? Caminhava muito, dormia em rodoviária, nos ônibus ou em casas dos militantes. Saía “a rumo”, sem saber exatamente onde iria, onde dormiria, o que iria ou mesmo se iria comer.*

Em 2010, sentiu que deveria parar. Os filhos haviam saído para morar na sede do município, ela estava cansada. E pensou que era hora de estimular a renovação das lideranças. Mas, na verdade, acho que o mais decisivo para Elci deixar a direção estadual do MMC foi o fato do Zeca estar sentindo-se muito sozinho em casa.

Voltou a mil – voltou é uma forma de dizer, a Elci nunca deixou a família e o trabalho com Agricultura Ecológica, mas

como pode ser deduzido do seu breve depoimento, foram muitas horas, dias, semanas de dedicação à causa das lutas das mulheres através do MMC, o que, naturalmente, tomou-lhe boa parte do seu tempo.

Nesse “retorno”, entre outras atividades, assumiu por dois anos a coordenação da Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (Acert) e colaborou com a comercialização das bananas cultivadas pelo Zeca na Feira dos Agricultores Ecologistas, da José Bonifácio, em Porto Alegre.

— E tua história de militância começou quando, Elci?

— *Desde que me entendo por gente, ali pelos 14 anos. Acho que me pescaram... eu era muito animada, gostava de conversar. Lembro-me quando Reinalda¹, nessa época muito ativa na Pastoral Rural da região, começou a me convidar para participar de reuniões e, logo, eu já estava colaborando para mobilizar mulheres em torno de temas como aposentadoria, saúde alternativa e ervas medicinais.*

Pergunto pelo começo do trabalho com Agricultura Ecológica.

— *Já buscávamos algo assim, a Pastoral da Juventude Rural já discutia o problema dos agrotóxicos ou a dominação das multinacionais em nossas vidas.*

— Você fez o primeiro curso de Agricultura Ecológica aqui na região em abril de 1991?

— *Não, nem lembro por quê. Acho que tive algum*

¹ Reinalda Fritzen, 1942, é natural de Joaçaba, SC. Dos doze aos 36 anos dedicou-se à vida religiosa. Desde então, trabalhou como professora e atuou como militante em diversas frentes, como sindicatos e Partido dos Trabalhadores. Na região de Torres militou, desde 1979, junto à Pastoral Rural, principalmente incentivando a organização de mulheres agricultoras.



compromisso naqueles dias e acabei não fazendo o curso. Mas foi como tivesse feito, pois, a partir da primeira reunião, na semana seguinte, já estava participando.

Acompanhei o começo do trabalho com Agricultura Ecológica na região. Após este curso, em abril de 1991, ministrado por mim, como membro da equipe técnica do Centro Ecológico, naquele momento Centro de Agricultura Ecológica Ipê (CAE Ipê) e pelo meu amigo Jorge Vivan, algumas famílias começaram a se reunir para dar prosseguimento ao conversado no curso. Ao mesmo tempo, eu mesmo tratei de fazer a ponte entre esse grupo iniciante e a direção da Cooperativa Ecológica Coolméia, que organizava aquela que acredito ser a primeira feira de produtores ecológicos do país, a Feira de Agricultores Ecologistas (FAE), com sua primeira edição no dia 14 de outubro de 1989.

Naquele mesmo ano de 1991, a Acert, que sequer havia se formalizado, já participou da FAE, levando produtos dos seus fundadores. Na preparação para ir à feira, foi combinado quais produtos a Acert levaria. Naturalmente banana, produto marcante da região, sempre demandado por consumidores e que não existia na FAE, e também algumas hortaliças. Muitas famílias, que nunca haviam trabalhado com hortas, começaram com pequenos plantios, buscavam ser exemplos na produção ecológica, aumentar sua renda e viabilizar a própria ida à feira, já que o custo com o transporte era, como ainda é, substancial.

Naquele momento, Elci começou a plantar hortaliças e, por anos, participou da Feira com seus produtos: cenoura, brócolis, espinafre, beterraba, pepino, alface, rúcula, abacaxi, milho verde, couve-flor, repolho e muito mais. Ela conta que começou a plantar verduras para, além de participar da feira, mostrar para a comunidade que produzir sem veneno era possível.

Naqueles anos, primeira metade da década de 1990, auferia com a horta uma renda razoável, a família colaborava, mas... os cinco hectares de banana manejados por seu marido

continuavam convencionais. Não tanto pelo uso de agrotóxicos, mas de adubos solúveis, como NPK.

— *O Zeca é assim, precisa ter bastante certeza para dar um determinado passo* – diz Elci.

— *É que os resultados que eu via na banana, nos bananais que eu visitava, não me convenciam a deixar o adubo e ir para a Agricultura Ecológica* – lembra o Zeca.

Elci segue:

— *Eu tinha tanta paixão pelo ideal de vida que colocava, totalmente em segundo plano, as necessidades de sobrevivência. Se iria dar dinheiro ou não pouco importava, o foco era na qualidade de vida e no cuidado do meio ambiente.*

E complementa:

— *Mas olhando para trás, acho que ele tinha suas razões. Muita gente, familiares e vizinhos, sempre falavam que se deixássemos de usar veneno ou adubo nos bananais iríamos acabar morrendo de fome.*

Essa é uma das estratégias mais eficientes que as indústrias químicas utilizam para vender seus produtos: o medo. Exacerbam os danos de eventuais ataques de um inseto ou um patógeno, elevando-os à categoria de inimigos cruéis e impiedosos. Os efeitos da falta de determinado nutriente são exaustivamente estudados e, fotos dos sintomas, de suas carências, sempre feias, invadem os livros de Agronomia e as apostilas de formação para os agricultores.

Problemas reais, existentes, são propositadamente amplificados. As empresas, com apoio da maior parte do aparato técnico-agronômico, atemorizam, através de propagandas massivas e boletins ditos científicos, os produtores e profissionais da área com o “cuidado, se não usar adubo ou veneno, você pode perder tudo que investiu”.

Problemas ampliados, medo instalado, solução pronta para ser vendida a preços tão pouco convidativos que necessita ser subsidiada pelos governos em todo o mundo:

adubos químicos altamente solúveis e agrotóxicos, fabricados à base de petróleo, por um complexo industrial cada vez mais oligopolizado. Esses produtos causam desequilíbrio ecológico, pela destruição de inimigos naturais, e fisiológicos, por afetar processos metabólicos das plantas. Os problemas na interação de insetos, patógenos e plantas cultivadas que sempre existiram, multiplicam-se. Reforçam os argumentos das indústrias que conseguem, assim, fazer cumprir a própria profecia. Estratégia tão eficiente quanto perversa. O preço é pago de várias maneiras, dentre elas a contaminação. Dos solos, águas, alimentos e pessoas.

Difícil para quem não é agricultor familiar avaliar o peso que o medo de “perder tudo” tem nos processos decisórios da propriedade. São muitas histórias de agricultores que perderam suas terras e migraram para a cidade. Contraíram empréstimos para financiar lavouras à base de adubos e venenos, em algumas regiões, para comprar tratores. Qualquer problema de colheita, ainda mais se acumulado por dois ou três anos, pode levar à necessidade de vender as terras para saldar as dívidas. Todos que transitam pelo meio rural conhecem histórias dessa natureza. Não me recordo de ter ouvido alguém contar que entrou em falência ou vendeu suas terras por ter migrado para a Agricultura Ecológica.

Dessa forma, quando o Zeca ouvia de um familiar ou amigo da comunidade sobre os riscos de não usar veneno ou adubo, não sabia que esta fala é a ponta de um esquema engendrado com muita eficácia e sapiência.

Assim foi por alguns anos. Elci, ativa na militância, divulgava intensamente as vantagens da Agricultura Ecológica. Era uma das lideranças da Acert e, junto com sua família, uma produtora de hortaliças ecológicas que comercializava na feira de produtores ecologistas de Porto Alegre. Mas... ela nos conta:

— *Eu me desesperava por ser incoerente. Acreditava e divulgava tanto a Agricultura Ecológica, mas tinha um bananal*

convencional em casa. Eu enchia muito a paciência do Zeca para largar os adubos químicos!

Em um dado momento, após já estarem há cerca de seis anos na Acert e na Feira, o Zeca se convenceu da viabilidade de converter seus bananais à produção ecológica. Como os cinco hectares que possui são em áreas diferentes, foi fazendo a transição aos poucos e, desde 2010, não utiliza mais adubos químicos.

Os bananais da família são muito bem cuidados. Ele não pulveriza nada nas plantas e em termos de manejo do solo se vale de um padrão que funciona muito bem. Maneja a vegetação que vem na área de forma espontânea, deixando que ela cresça até certo ponto, cerca de um metro. Aí, roça ou capina. Sempre à mão. Usa adubo orgânico comprado, normalmente à base de esterco de aves. Pergunto se é necessário mesmo usar esterco. Ele diz que na variedade branca (prata) nem precisa tanto, mas se não usar na caturra (d'água) não produz quase nada.

— Satisfeito com os bananais, Zeca?

— *Estou, sim. Dá mais mão de obra, porque não usamos herbicidas, mas meu custo de produção é mais baixo do que o dos vizinhos e vendo com um preço muito melhor; ainda mais em momentos como os de agora, com o preço da banana convencional muito baixo. Os que estão no convencional trabalham menos do que eu, mas ganham menos também.*

Mudo o rumo da conversa e pergunto pelos filhos, Samuel e Raquel, ambos casados, ele morando em Três Cachoeiras, ela em Torres, município vizinho.

— Elci, você se sente frustrada com o fato do Samuel e da Raquel não estarem trabalhando na agricultura?

— *Sim e não. Senti muito eles não ficarem na agricultura, gostaria que ficassem. Mas hoje estou tranquila com a decisão deles, estão bem e felizes com o que fazem. E é isso que uma mãe quer, ver os filhos bem.*

O Zeca conta que durante muitos anos viveu situações

difíceis na agricultura, e que, de certa forma, não queria ver o filho passar o trabalho que ele passou. Muito serviço, remuneração baixa, muita insegurança e o estigma de ser “colono”. Elci confirma que o Zeca nunca foi de levar o filho para a roça.

— *Quem sabe se o Samuel desde criança fosse estimulado a trabalhar conosco, ele tivesse ficado?*

Ouçõ e fico pensando: quem sabe? Concluo em silêncio: ninguém sabe.

Elci continua:

— *De todos modos, como eu disse, estão bem. Se voltarem, o que me encheria de alegria, serão bem recebidos, mas até este momento eles estão bem onde estão.*

A conversa sai do passado e entra no futuro.

— *Daqui não sairemos nunca* – diz Elci.

O Zeca tem duas preocupações. A primeira é que ele sente que cansou de ir à feira em Porto Alegre. Sai de casa na sexta-feira à noite, por volta das nove e retorna às cinco da tarde de sábado. Não vê a hora de parar de ir para a feira e “ganhar o sábado”.

A outra preocupação é que ele está já cansando de trabalhar com banana:

— *É uma atividade que exige um esforço grande, os anos vêm chegando....*

E, naturalmente, a idade aumenta o risco de alguma doença que o impeça de fazer esforços físicos. Nesses casos, a solução comum na região é arrendar as áreas de banana.

Algum dinheiro guardado, a aposentadoria, o baixo custo de uma vida no interior e o valor do arrendamento garantem tranquilidade financeira nesta fase da vida.

Sobre isso, rindo, Zeca comenta apontando para a esposa:

— *Mas essa aí não vai aceitar nunca que eu entregue os bananais para um convencional. Vou ter que achar um produtor que goste da ecologia para poder arrendá-los.*

Terminando o papo, falando com emoção do atual xodó da sua vida, Gabriela, a única neta, Elci comenta, olhos cruzando a janela e apontando para o horizonte:

— *Sinto falta de novos desafios. Às vezes, me sinto meio sozinha para pensar o que vamos fazer para trabalhar pela melhoria da nossa região. Amo muito esta terra e sinto que ainda devo fazer algo por ela.*

Vira-se para mim:

— *Vamos, Laércio, marcar uma reunião com algumas pessoas e pensar seriamente qual passo devemos dar para colaborar com o desenvolvimento deste nosso canto?*

Penso no seu incansável entusiasmo, não é à toa que fez tudo o que fez na vida. Volto meu olhar na direção de um dos seus cactos.

— *Essa planta que você está olhando ganhei quando completei 28, há quase trinta anos. Ganhei da direção estadual do MMC, em uma assembleia em Passo Fundo. Já deu muitas mudas e flores. É uma planta muito generosa. Olho para esse cactos e vejo um símbolo da resistência. A princípio não damos nada por ele, mas, mesmo com pouca água e poucos cuidados, nos presenteia com muitos brotos e lindas flores.*

